

FONTE : O Globo

DATA : 12/12/87

CLASS. : Amaz./Desmat.

PG. : 09

31

Inpe denuncia a destruição da Amazônia

JOSÉ EUSTÁQUIO DE FREITAS

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS — A Amazônia poderá ser completamente devastada se não for iniciado, imediatamente, um planejamento rígido e científico do aproveitamento dos recursos naturais da maior floresta tropical do mundo, bem como a sua ocupação racional. O alerta é do cientista Luiz Carlos Baldicero Molion, do Instituto de Pesquisas Espaciais (Inpe), que há muitos anos estuda a devastação e a influência da Amazônia no clima do mundo.

O cientista alerta que a região não está imune às anomalias climáticas e sua devastação poderá povocar efeitos catastróficos no clima terrestre, precipitando o "efeito estufa" — elevação da temperatura da terra, queda drástica da produção de alimentos, inundação das maiores cidades do mundo pela elevação do nível dos oceanos — ou mesmo uma nova era glacial, pela redução da importância da Amazônia como fonte de calor para a atmosfera.

As anomalias climáticas provocadas pelo fenômeno conhecido como El Niño — aquecimento anormal da superfície do oceano Pacífico — já tem causado prejuízos à região. Esses efeitos ainda não foram bem estudados pelos cientistas, mas já se sabe que, neste ano, a Amazônia teve uma de suas mais graves secas. Os registros do nível do Rio Negro, por exemplo, feitos pela Portobrás, indicam que o principal afluente do Rio Amazonas chegou, em novembro, ao seu nível mais baixo dos últimos sete anos e ficou próximo do nível mínimo registrado em 1924.



A estimativa do Inpe é que o desmate, desde 1975, destrói 2mil quilômetros quadrados da floresta amazônica

Ao contrário do que muitos pensam — alerta o cientista — a selva amazônica sofre com as secas e tende a ser mais prejudicada na medida em que prosseguem os desmatamentos em progressão geométrica, a uma média de 2 mil quilômetros quadrados por ano, desde 1975. Para conhecer melhor a floresta e sua importância na formação do clima do globo terrestre, Luiz Carlos Molion tem chefiado, anualmente, várias expedições de cientistas brasileiros e estrangeiros à região.

Um dos principais projetos de pesquisa na área foi executado nos últimos dois anos com a participação de cientistas americanos da Nasa, através do Experimento Troposférico Global. Com esses trabalhos e vários

outros ainda em análise foi possível definir que a Amazônia é uma importante fonte de calor para a manutenção da circulação geral da atmosfera e no equilíbrio da química atmosférica, fundamental para a manutenção da qualidade de vida ambiental.

Luiz Carlos Molion explica que a floresta amazônica absorve grande quantidade de energia solar, na forma de calor. Essa energia é utilizada principalmente para evaporar a água, aquecendo o ar. Uma pesquisa coordenada pelo cientista demonstrou que o vapor da água contido na atmosfera da Amazônia é constituído, basicamente, pela evaporação da água de chuva retida pelas folhas e pelas copas das árvores e pela trans-

piração das plantas. Ou seja, metade das chuvas que caem sobre a região anualmente é produzida pela própria evaporação da floresta e o restante vem nas nuvens trazidas pelos ventos do oceano Atlântico. A evaporação do solo, diretamente, pouco contribui para o regime de chuvas na Amazônia.

Mais que isso, o calor liberado pela floresta sobe para as camadas mais altas da atmosfera e, pela quantidade de energia que contém, representa um verdadeiro motor para circulação geral da atmosfera. O transporte desse calor é que produz os ventos na alta atmosfera e permite empurrar sistemas de nuvens frias para o sul do continente.

Hidrelétricas criaram lagos mortos

PIRACICABA — As usinas hidrelétricas construídas na Amazônia estão, na prática, produzindo novos ecossistemas no planeta, com seus imensos lagos de milhares de quilômetros, caracterizados por um sistema altamente desoxigenado, afetando inclusive áreas localizadas a jusante. Deles não se sabe ainda muita coisa e, ao contrário da usina de Tucuruí, quando a comunidade científica pode interferir em aspectos técnicos, a hidrelétrica de Babina se constitui num desastre que inundou 938 hectares para produção de cada megawate.

Os comentários são do Coordenador do Centro de Recursos Hídricos e Ecologia Aplicada da Universidade de São Paulo, José Galizia Tundisi, feitos durante a semana do ambiente que o Centro de Energia Nuclear realizou em Piracicaba. Ele mencionou ainda um recente relatório da

Eletronorte, que prevê até 2010 a construção de mais 86 barragens no país, das quais pelo menos cinco na região amazônica, com características semelhante as já existentes, onde o desmatamento da mata tropical é considerável inviável economicamente e os grandes lagos cobrem árvores de até 40 metros de altura.

Diante deste quadro, segundo o cientista, o que acontecerá na Amazônia em termos ecológicos é uma incognita. Tundisi alertou, porém, que hoje todos os reservatórios de usinas construídas em torno da Grande São Paulo estão no último estágio de poluição, com uma carga orgânica muito grande, contaminação por patógenos e por substâncias químicas. Ele lembrou ainda que a construção de usinas em São Paulo representa o último estágio de ocupação da região.

Eletronorte tenta evitar desastre

PORTO VELHO — A Eletronorte (Centrais Elétricas do Norte do Brasil), tentando minimizar os problemas ecológicos, está criando uma reserva florestal de 17.500 hectares na área de 645 quilômetros quadrados (0,25% do território de Rondônia) que começa a ser inundada no próximo ano visando a formação do reservatório da hidrelétrica de Samuel.

O objetivo é preservar a fauna e a parte da flora do Vale do Jamari, inclusive milhares de espécies de flores ameaçadas de extinção. O projeto da envolve um batalhão de cem pesquisadores e cientistas e seu custo

corresponde a 5 por cento do total da obra, orçada em US\$ 700 milhões (cerca de Cz\$ 42 bilhões).

A preservação de espécies de peixes — tucunaré, pirarucu, tambaqui e jatuarana —, de grande valor comercial, também faz parte do projeto. Os cientistas estão realizando estudos com vistas à adaptação das duas primeiras espécies em águas paradas, como o gigantesco lago que será formado com o represamento, bem como a reprodução induzida de algumas espécies que vão povoar a represa, principalmente o tambaqui e o jatuarana.